ANO 2.° LISBOA—TERÇA-FEIRA, 10 DE [illegible]

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua da [illegible], 110

NÃO seremos nós que negaremos razão aos que afirmam que a questão da ordem publica cria um estado permanente de incerteza e desconfiança que leva as pessoas prudentes a rodearem-se de cautelas, para que os seus haveres não sofram qualquer dano.

Mas, como vivemos numa época em que se especula com tudo, até mesmo com os bons sentimentos, há quem se aproveite da intranquilidade dos animos para cohonestar negocios que, num país em que a moral e a justiça fossem mais alguma coisa que belas recordações, não seriam tolerados.

—«Ninguem tem confiança no dia de ámanhã!»

E com esta precaução, que só devia ter valor entre pessoas honestas, os *arranjistas* deitam a sua rêde e enchem-na de peixe podre que depois vendem no mercado dos tolos, com esta recomendação irresistivel:

—«O mar está tão turvo que provavelmente vamos ter um prolongadissimo temporal. Comprem este peixe, que melhor não veem a apanhar tão depressa!»

* * *

NUM dos ultimos numeros do *Diario de Lisboa*, referimo-nos ao caso pasmoso de, na formosa vila de Ancião, se acabarem os fosforos, permitindo-nos a liberdade dum leve e breve comentario.

Não quizemos culpar nenhum dos seus habitantes, que reputamos tão amigos da luz e do progresso, como nós. Aplicando o principio de casualidade, achamos que a origem do mal deve estar na Companhia dos Fosforos.

É esta que ainda um dia nos virá a mergulhar nas trevas, nada valendo a Ancião o nobre amor com que os seus filhos a transformaram numa terra aprasivel e acolhedora.

* * *

CONSTA-NOS que as economias realizadas, no Instituto dos Seguros Sociais, não agradaram a toda a gente — o que já era de esperar

Não se esperava, porêm, que entre os descontentes surgisse um alguem que, peles responsabilidades do seu nome, talvez tivesse obrigação de se fingir satisfeito pelo menos.

* * *

TENDE a acentuar-se a melhoria cambial. Aponta-se como causa do facto a deficiencia crescente de escudos que leva os especuladores a vender as suas libras.

Não podendo ser por patriotismo, muito estimamos que a necessidade os obrigue a um gesto que, mesmo forçado, prova que a nossa moeda ainda ha de salvar alguns pecadores

* * *

INFORMA-NOS quem possue autoridade especial para o fazer que, na Comissão de Subvenções do ministerio da Instrução, presidida pelo nosso amigo dr. Costa Cabral, ninguem faz oposição a que se aplique ao professorado do Conservatorio o artigo 31.

Muito folgamos em dar esta agradavel noticia.

* * *

ENCONTRA-SE já á venda em todas as livrarias o livro de contos de Aquilino Ribeiro—*Estrada de Santiago.*

* * *

FOI nomeado o juiz de 1.ª instancia dr. Augusto Borges de Oliveira para sindicar os actos do ex-oficial do governo civil do distrito de Coimbra, Augusto Gonçalves e Silva

FURIA SONOROSA

Meu amigo

Soube ha pouco que V. teve ontem um dos seus costumados ataques de indignação, porque alguem, na sua presença, esboçou um vago gesto de desconfiança e de contrariedade quando V. afirmou que Portugal *é um país de onde nem já se pode fugir, por causa do cambio.*

Eu, que tanto aprecio as pessoas coleri[illegible], perdi uma bela ocasião de o admirar a V., que é, no genero, um exemplar acabado.

São já tão raros os homens que se congestionam por causa de futilidades, que tenho por V. a consideração que merece quem, á mesa de um café, discutindo em voz alta, [illegible] para si as atenções dos bebedores de limonadas, os quais, se ig[illegible] a poesia romantica dos limoeiros, nem por isso deixam de ser vitimas da industria que os falsifica.

Um destes, segundo me contam, disse:

—«Quem é aquele *esturrado*, que parece querer imitar um delirio na cabeça de um elefante?—»

Esta pregunta, se fosse ouvida por V., talvez o exaltasse ainda maís, pois eu sei bem como lhe repugnam os ditos de espirito, pelo que teem de molesto para a gravidade das suas flacidas faces. Certamente V. atingiria o sublime da furia que é geralmente a unica *derrapage* que sofrem os violentos, quando marcham para a demonstração das suas manias. Alguns caem fulminados, ficando-lhes, ás vezes, entre os labios, uma conjunção adversativa, que não teem tempo de pronunciar.

E' conhecido o caso dos infelizes que, antes de despedir-se do mundo, põem num adverbio todo o desconsolo de morrer.

— «Finalmente...» murmuram eles, como num sopro imperceptivel. E vão-se!

O meu amigo, que não admite sequer a hipotese de poder acabar, tanta é a violencia dos seus monologos entre admiradores, mais ou menos convencidos dos perigos que V. corre, nunca seria capaz de engasgar-se com um vocabulo tão descolorido e frio.

As interjeições é que o tentam, podendo ser o patibulo do seu temperamento explosivo.

Quando V., assomado e com o pescoço fumegante de suor e dialetica, diz — *Irra!* a gente tem a impressão de que, se nesse momento partisse para além da campa, faria a viagem como um projetil de batalha.

Ora é para evitar a realização desta hipotese sombria que eu ouso aconselhar-lhe que tome qualquer *calmante*, antes de aventurar-se a sair de casa. A indignação pode devorá-lo duma vez só. Ha certas creaturas que, talvez, tentem convencê-lo do contrario.

Não se fie nelas, meu amigo!

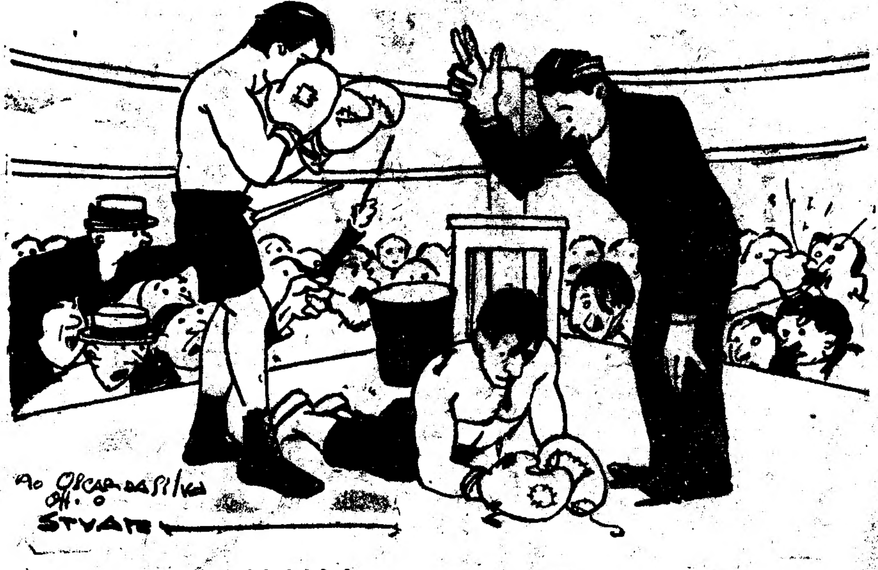
São doentes que fazem o seu tratamento, rindo-se discretamente, sob o tumulto dos seus gestos. Se realmente tem tanto desejo de sair de Portugal, poupe-se.

Trabalhe para a melhoria do cambio, calando-se uns dias.

Indigne-se só nas horas em que os jornais da oposição afirmam que o país está perdido. Como, então, os tambores são muitos, a sua furia sonorosa, desatendida do publico, perdida na confusão, ha de parecer-lhe assás ridicula. E' o caminho da cura!

Com o palido esboço dum abraço. — *Pedro Tranquilo.*

O «MATCH» DE BOX



O ARBITRO — Um! dois! três!...
O BOXEUR — Oh, filho! Conta a dois e dois, porque eu já não saio daqui.

NOTICIAS particulares recebidas de Macau, confirmam os boatos [illegible] de não ser normal a situação [illegible] colonia, porquanto deram-se ali u[illegible] alguns atentados dinamitistas que a[illegible] a cidade. Segundo as mesmas [illegible] o governo da colonia mandou publicar [illegible]:

«E' concedido o premio de [illegible] a todo aquele que proporcione a prisão [illegible] as provas suficientes para a condenação de qualquer individuo pelo crime de incitamento á greve, ou pratica de actos de sabotagem, ou ainda por ter em seu poder armas, munições de guerra ou explosivos, em contravenção das leis e regulamentos em vigor.»

E' concedido tambem o premio [illegible] 500 patacas a todo aquele que propor[illegible] são e produza provas suficientes [illegible] condenação de [illegible] fabrica[illegible] detentor de bombas explosivas [illegible] produzir [illegible] que estas [illegible].

[illegible]

* * *

O [illegible]

[illegible]

De [illegible]

[illegible]

A [illegible] de *amnistia* [illegible] popular, ainda [illegible] Por experiencia lombar, aprendeu a avaliar quanto custa ser batido.

Pode ser que, de hoje em diante, Domingos Pereira se fique lembrando de que os animais lhe merecem a consideração em que êle proprio tiver a sua pele.

* * *

APESAR de se dizer que o governo apresentará a sua demissão, logo após a chegada do sr. Presidente da Republica, garantem-nos que isso não será assim.

Durante a sua viagem ao Brasil, o chefe do Estado perdeu o contacto directo com a nossa politica, necessitando, portanto, de algum tempo para se orientar.

Só depois... — e este *depois* talvez seja mais elastico que muitos supõem. Surgirão acontecimentos que imponham o contrario?

* * *

A Guarda Fiscal, em serviço na fronteira, junto de Castelo de Vide, apreendeu 900 ovos que seguiam para Espanha como contrabando.

A marcha clandestina dos nossos produtos agricolas e outros para o país das pesetas vai dispensando de tal sorte a celebração do tratado de comercio luso-hispano que brevemente já se não falará em tal.

* * *

DERAM-NOS o prazer da sua visita os srs conde de Monsarás e Francisco Homem Cristo que retira ámanhã para Paris

A instrução

Um colegio modelar

Venho a dizer que uma rasgada iniciativa fez nascer em Lisboa um grande e modelar colegio. Um dos aspectos da crise revolucionaria portuguesa, com o desaparecimento de Campólide e S. Fiel, consiste no *Colegio*. O *Colegio* é um problema fundamental das sociedades e da familia. E' o segundo lar. E' o formador dos caracteres ou o seu degenerador. O colegio é alma, é estimulo, o futuro—ou é a depravação e o definhamento.

No colegio se formam, se constróem as energias morais que têm sua eclosão no homem vitorioso e feliz—ou no *falhado*. O *bom Colegio* ou o *mau Colegio*—é problema que só pais ou mães inconscientes da sua tremenda missão sagrada podem pôr em segundo plano. O colegio, sendo para a familia o problema do filho, é para as sociedades o problema da raça. O mau colegio anemisa o caracter, deprime e vicia o corpo e a alma. O bom colegio uma aleluias—rasga fé, amplia o toraz, vitalisa.

Qual é a missão do homem mais grave, mais delicada, mais honrada, com maior *sentido* na vida? E' preparar inteligentemente a felicidade dos filhos que o maior milagre da creação lhe pôs no seu destino. Sêr pai—ou é igualar Deus ou é igualar o verme.

Um pai ou é o creador consciente de almas—ou é um abjecto padreador animal. O filho não *nasce*—constroe-se.—Nasce argila. Só os pais depois lhe dão o *sêr*, a fórma. Só o pai lhe constroi o caracter, só a mãe lhe lhe forma o coração, mas só o colegio completa ou arruina a obra. São os três artifices das almas.

Eu, que sou pai—e daí recebo o unico *sentido da vida*—aconselho todos aqueles que procuram pôr consciencia na escolha do *colegio* a entregarem os seus filhos ao Instituto de educação que acabam de fundar o sabio professor da Universidade doutor Artur Ervideira, o distinto advogado sr. dr. Cipriano Barata e o grande educador que é o senhor conego José Correia, caracter da mais perfeita pratica cristã, rara erudição, pregador e conferencista notavel. A Sciencia aliada á Fé—a suprema pedagogia das almas.

Dando á minha consciencia a alegria moral deste *réclame*, que só o seria se de tal carecesse a obra dos doutos fundadores do Grande Colegio de Portugal—presto ás mães do meu país um inestimavel serviço moral.

José d'Arruella

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO, 74

QUEM PRESAR A SAUDE SÓ BEBE
LARANJADAS DE ALCOBAÇA

IODONAL
NÃO COMEM, DEVORAM!
TÓNICO PODEROSO PARA CRIANÇAS
Superior ao óleo de bacalhau e emulsões
INDICADO DIARIAMENTE PELOS MÉDICOS ESPECIALISTAS SENHORES DOUTORES: MELO E FARO, LEITE LAGE, SALAZAR DE SOUSA, LEONEL DE MACEDO CORDEIRO FERREIRA, ETC.
FARMACIA FORMOSINHO
Praça dos Restauradores, 18

SALVEMOS AS CREANÇAS!

A OBRA DOS LACTARIOS

Um apelo aos benemeritos DA INFANCIA DESVALIDA

Em Janeiro deste ano, no n.º 242 do *Diario*, publiquei, á gentilesa deste jornal devida, um apelo ao leitor para olhar pela obra dos lactarios.

Era já agonisante a situação da «Associação Protectora da Primeira Infancia» e no entanto a carestia da vida não tinha assumido o aspecto horrivel dos ultimos dias! Com a generosa dadiva de almas caridosas, com um reforço de cotas novas e outros meios de que tem sido possivel lançar mão, aquela obra. deliciosamente bela pelo fim e pelos efeitos, tem conseguido equilibrar, mercê de restrições já prejudiciais mas ainda compativeis com o seu fim, o seu orçamento, e assim, prolongar o auxilio benemerito á pequena infancia, que, em numero já restrito, ali vai directa ou indirectamente buscar o alimento gratuito mas rigorosamente higienico, que aquela Associação fornece.

A situação de hoje porém tornou-se aflitiva e não se encontra maneira de poder prolongar a vida duma tão caritativa cruzada.

Olhai leitor para o que vos digo!

Aquela associação distribui gratuitamente leite nas melhores condições higienicas ás crianças pobres de Lisboa privadas do leite materno!

Não é uma qualquer de duvidosa razão de existencia, onde uma noite se passa, para suavisar ou prejudicar mais, o espirito cansado de quem trabalha!

Todos nós vemos por essas ruas de Lisboa as criancinhas definhadas e palidas, denunciando fome, miseria, abandono, e todos somos culpados desse espectaculo comovedor.

Fazer bem por intermedio de associações como esta de que vos venho falar é quasi, é positivamente, uma prestação que vai diminuir a pena que todos espiamos pelos erros que praticamos.

A nossa consciencia, juiz supremo e unico, tirada ao nosso intimo que este passo só por si vale um ano de sacrificios!

E eu não sei se o abandono duma missão tão nobre como esta de salvar a inocencia da morte terá apenas as palavras «desleixo e incuria» por desculpa ou será um autentico crime.

As crianças, que não pedem para vir ao mundo e cá se encontram para representar ámanhã esta Patria grande que nossos avós legaram e nós tão ciosos defendemos, precisam alimentar-se nas suas primeiras bases, com elementos de cuidadosa confiança.

Se nós faltamos, leitor, a este gesto de humanidade, dando algumas das nossas migalhas para aumentar o bôlo que ámanhã em fatias feito tanta bôca cala, não seremos de facto criminosos?

E' preciso dar dinheiro para esta Associação! Eu o dou. Vós o vais dar tambem.

* * *

Um país avançado, civilizado, instruido, não o pode declarar alto e claro, emquanto deixa morrer á mingua obras utilissimas como esta que em Lisboa se executa por intermedio da associação a que me refiro.

Está ali em baixo, quasi junto ao Museu de Artilharia, patenteada ao publico.

Não se esconde de ninguem, e, tenho a certeza, quem ali percorrer suas salas e colher impressões do que é e vale aquela santa cruzada, nunca mais deixará de abrir a bolsa para alegremente entregar a quota mensal com que subscreveu.

A difusão de obras pias como esta deveria tornar-se obrigatoria e ser ajudada com largas dadivas e dotações importantes pelo Estado.

Quem lucra com o maior e melhor desenvolvimento dum povo? O Estado. A este, se tivesse olhos para vêr, as miserias que por aí vão, calcando de vez a politica mesquinha em que se afundam todas as iniciativas de beleza, competia aquele dever que eu apelo para ti leitor, crente que não será em vão que estas palavras se escrevem.

* * *

A'queles benemeritos que já dão algumas das suas migalhas, peço tambem que não volteis as costas, quando ámanhã a associação vos cobrar um pouco mais do que hoje recebe. Que são «dez centavos» por mês, na maioria dos casos, que pagam os que teem sempre correspondido com a sua permanencia de associados? Pode bem dizer-se que nada é. Um escudo que fosse, decuplicando assim o rendimento, quasi nada seria, porque só o sustento do gado que a associação mantem nos seus estabulos para assim poder ministrar ás suas protegidas um leite de confiança subiu, mais de vinte vezes.

E acedendo todos a este apelo, ficai crentes que evitareis, positivamente, que ámanhã a obra de protecção á pequena infancia seja restrita de tal forma que dê como acto final o encerramento completo do bem já hoje reduzido, que ainda estão prestando aqueles homens que tomaram a peito e teem continuado a iniciativa altruista instituida em 3 de julho de 1901.

Alvaro Neto

COLISEU DOS RECREIOS
HOJE—ás 21 (9 horas da noite)—HOJE
COMPANHIA ITALIANA DE OPERETA
1.ª e unica representação da magnifica e aplaudidissima opereta em 3 actos de Léon Faal
A PRINCESA DOS DOLLARS
UM DOS MAIORES SUCESSOS DESTA COMPANHIA
PREVENÇÃO
A empresa previne o publico de que esta peça e todas as que se lhe seguirem apenas darão uma representação, por ser curta a permanencia da companhia em Lisboa e esta ter de exibir todo o seu repertorio.
Ámanhã, quarta-feira, O CONDE DE LUXEMBURGO

TITULOS E COUPONS
NACIONAIS E ESTRANGEIROS
COUPONS Brasileiros, Argentinos e Chilenos
Compram desde já aos melhores preços
Pancada, Morais & C.ª
Rua Augusta, 37 (esquina da R. de S. Julião)

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

D. Maria Tereza de Cabedo e Vasconcelos (Zambujal), D. Maria Tereza de Queiroz Pinto Coelho, D. Candida de Carvalho Lamas e D. Maria das Mercês de Carvalho Lamas.

E os srs.:

Luiz de Castro [illegible] Branco e [illegible] Santos.

Casamentos

Realisou-se em Espinho o casamento da senhora D. Irene Paraiso da Graça Martins, filha do sr. Claudio Martins Henriques, sub-delegado de saúde em [illegible] do Vouga, com o engenheiro sr. Henrique Almeida de Eça, filho do coronel sr. Almeida de Eça, do Porto.

Pontos de reunião

A nossa primeira sociedade dá «rendez-vous» [illegible] de noite, na recita da moda do Politeama, com a [illegible] graçada comedia «Cautela com a Fernanda...» [illegible] «soirée» elegante do Cinema Condes, com um [illegible] programa de fitas e um belo concerto.

Em viagem

Chega brevemente da Suecia a senhora [illegible] Novia de Hamilton, neta da senhora [illegible] George.

—Regressaram do norte o sr. dr. Antonio [illegible] da Silva, sua esposa e sua cunhada Mello, Gismond-Kluft Lopes da Silva.

—Regressou de Vila do Conde o sr. D. Antonio de Castelo Branco (Belas).

—Regressou do Solar da Monta (Penafiel) á sua casa em Belas o sr. Eduardo Pinto Basto e sua esposa, a senhora D. Helena Garcez Pinto Basto.

—Encontram-se actualmente no seu solar na Pesqueira os srs. viscondes de S. João da Pesqueira.

—Está no Porto, com demora, o sr. dr. Gaspar Lobo (Paço de Nespereira).

—Regressou da Figueira da Foz a Alvaiazere o sr. Avelino Simões Baião.

—Regressou de Moimenta da Beira a senhora D. Maria da Guia Ferreira Patricio.

—Regressou de Ilhavo a Aveiro o sr. José Peixoto Ponces de Carvalho.

—Regressou da Praia da Granja a Castelo Branco o sr. Alexandre de Almeida Garret.

—Partiu de Vila do Conde para Romeu o sr. José Meneres.

—Encontram-se na Figueira da Foz hospedes dos srs. condes de Felgueiras, o sr. dr. Antonio de Assis Teixeira, sua esposa a senhora D. Joana Correia de Lacerda de Seixas de Assis Teixeira e sua gentil filhinha.

—Acompanhado de sua mãe a senhora D. Maria Branca de Ataide de Queiroz de Tavares e sua gentil irmã D. Maria Emilia, regressou da Figueira da Foz á sua casa na Beira o sr. João Carlos de Ataide de Tavares da Cunha Cabral.

—A' sua casa em Abrantes regressou da Figueira da Foz com sua esposa a senhora D. Maria Emilia de Abreu Mena e seus gentis filhinhos, o distinto major de artilharia com curso do Estado Maior, sr. Fernando Falcão Mena.

—Regressou da Figueira da Foz, á sua quinta em Rio de Moinhos, com sua esposa a senhora D. Maria Alexandrina de Abreu da Costa de Sousa de Macedo (Mesquitela); seus gentis filhinhos e sua interessante irmã D. Maria do Rosario, o distinto major de engenharia sr. D. Luis da Costa de Sousa de Macedo (Mesquitela).

—Com sua esposa a senhora D. Etelvina Falcão e seu filho Vasco, regressou da Figueira da Foz á sua quinta em Vila Nova de Constança o ilustre clinico sr. dr. Zeferino Falcão.

—Partiram da Figueira da Foz para o Monte Estoril, a senhora D. Luisa Guedes de Andrade, suas interessantes filhas D. Alice e D. Maria Carlota e seus filhos Manuel e José Antonio.

—A sua casa em Espanha, regressou da Figueira da Foz, com sua esposa a senhora D. Ana de Lencastre Laboreiro Pedrilha e seus filhos o sr. D. Francisco Martins Pedrilha.

—Vindo de sua casa em Cascais, encontra-se na Figueira da Foz, acompanhado de sua esposa a senhora D. Maria Leonor Correia Ferreira Roquete e seus filhos, hospede da senhora D. Maria de Mascarenhas Calheiros de Noronha Azevedo e do sr. dr. Antonio de Azevedo o sr. José Viana Ferreira Roquete.

—Acompanhado de sua esposa a senhora D. Maria de Melo e Castro Esteves de Brito, e de sua filha D. Maria de Lourdes, regressou da Figueira da Foz, á sua quinta perto de Tomar o sr. Diniz de Melo e Castro Esteves de Brito.

—Vindas de Tomar encontram-se no Rocio de Abrantes, hospedas da senhora D. Beatriz Caldeira Soares Mendes Ribeiro e Silva e do sr. dr. Manuel da Fonseca Ribeiro e Silva, as senhoras D. Alice e D. Maria Nunes Coelho.

—Partiram da Figueira da Foz, para Celeiros, o sr. João de Freitas Branco Sassetti, sua esposa a senhora D. Maria de Lourdes da Costa de Sousa de Macedo Sassetti e sua filhinha Maria de Lourdes. Sua irmã a senhora D. Otavia de Freitas Branco Sassetti, regressou a Lisboa.

PRODUTOS DE BELEZA
E DE TOILETTE
ESPECIALIDADE DA
PERFUMARIA DA MODA
TELEFONE C. 1715
5, RUA DO CARMO, 7
LISBOA

MAQUINAS DE ESCREVER
NOVAS e usadas. Reparações e reconstrucções garantidas. Accessorios. Quintino Ltd.ª. Tel. N. 4225. CALÇADA DO DUQUE, 3, 1.º (Junto ao Rocio).

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

VERSOS

NO DIA DOS MAGUSTOS

(COSTUMES DE TRAZ-OS-MONTES)

por ILLE-EGO

Andava D. Mari
«a morgada dos Penedos»
já perdidinha d'amores,
embora sempre em folguedos.
O tio Diogo dizia:
«—Vê lá se tomas juizo.
«Eu quero-te vêr casada
«antes do dente do sizo!
«—Ora, tio, deixe-me cá!
«Eu bem sei por onde ando
«—'stás a pedir um marido
«que te diga:—*Quero e mando*.
E D. Diogo, julgando
fazer-lhe grande favor,
tratou d'arranjar um noivo
—com amor ou sem amor...
Ele, sim, é quem sabia
a pequena avaliar!
Se ele a tinha criado,
a orfã sem pão nem lar!...
Já pensara... mas depois
ornou ainda a pensar...
Mas ele tinha quarenta!..
era muito d'estranhar!

II

Foi no dia dos magustos,
(ai por oitenta e tantos)
que o calendario registra
como de *todos os Santos*.
—«Já que o tio tanto me pede,
«vou dizer-lhe:—Fica justo
«o *seu qu'rido* casamento
«hoje mesmo, no magusto»
Apezar d'habituado
aos caprichos da sobrinha
com este ficou atonito
pela fórma por que vinha.
«—Toma tento, Mariquinhas
«Repara, vê o que fazes.
«Se lá vão homens sizudos,
«vão outros 'inda rapazes!»
«—Pois olhe, das raparigas
«é que tenho mais receio!»
«—Com essas me quero eu!
«—E' por isso que as odeio»
Tomando ar's de rainha
erguendo solene o busto
foi dar as ultimas ordens
com relação ao magusto

III

Magusto—mero pretexto
para rir, para brincar!
S. João improvisado
com fogueira p'ra saltar!...
Os novos vão buscar lenha,
os velhos ficam sentados
recordando com saudade
os bons magustos passados.
Esses magustos passados
são um mar d'evocações
revivendo scenas mortas,
revivendo corações...
Na pilha do verde pinho
já anda por baixo lume,
fazendo espalhar em volta
o resinoso perfume.
Sobem novelos de fumo
que parecem d'algodão
e que nos fazem lembrar
grandes bolas de sabão.
O fogo crepita mais
e deita linguas de fóra
para lamber as agulhas
dos pinheiros que devora.
Os novos saltam por cima
d'essas linguas chamejantes,
saudados pelas salvas
das castanhas detonantes

IV

—«O' priminha dos Penedos,
«não lhe faz isto lembrar:
«*'Stalam foguetes e bombas*
«*anda lá tudo no ar?...*»
—«Apenas com a dif'rença
«de qu'está tudo no chão:
«castanhas, doces e vinhos...»
«E que mais?»
«—Uma ilusão!»
—«Mas de quem? Será a minha?!»
—«Sobre tudo de meu tio
«Mas disfarce, por quem é!
«Caluda, nem mais um pio!

V

Castanhas! Outro pretexto
p'ra comer as que são d'ovos,
regadas, conforme o uso,
por vinhos velhos e novos.
Ha travessa d'arroz doce
do tamanho de gamela
e pratinhos d'ovos moles
polvilhados de canela.
Ha terrinas monstruosas,
de feitio antiquado,
cheias de creme compacto
á superficie queimado.
Os vinhos são generosos,
isto é, *que sabem dar*,
pois que dão tanta alegria
a todos, a trasbordar!
Fervem os ditos d'espirito
trocadilhos, anecdotas;
tudo fala, tudo mexe,
entre continuas risotas...
Este vulcão de chalaças
como o colega Vesuvio,
com a chuva não se apaga,
nem mesmo com um diluvio...

VI

Foi o caso que se deu
com este nosso magusto;
apesar de trovejar
ninguem teve o menor sust.
Era a dois passos d'ali
o solar da morgadinha
que nele entrou com seu séquito
como se fôra rainha.
Fazendo as honras da casa,
alegre, qual cotovia,
prendia todos os mais
em cadeias d'alegria.
D. Diogo delirava
ao ver assim a sobrinha
e a todos preguntava:
«—Que dizem á morgadinha?!
Que haviam de dizer
que ele já não soubesse!...
«—Que seria bem feliz
«quem por mulher a tivesse!

VII

«—Anda cá, ó Mariquinhas,
«(pois és tu quem aqui manda)
«já passou a trovoada...
«Se fossemos p'rá varanda?»
«—Continuar o magusto?»
«—Isso não! Brincar com fogo
«dá sempre mau resultado.»
«—Não se queime, tio Diogo!.
D. Diogo desviou
por instantes o olhar;
é que tinha, com efeito,
receio de se queimar..

VIII

A varanda da provincia,
com seus cravos e chorões,
além de prender os olhos,
tambem prende corações.
Sobretudo, quando o vento
depois da chuva passar,
nos traz o cheiro do mato
que dá vida ao respirar.
Até os velhos suspiram
do fundo do coração
e soltam *ais* derivados
de pura satisfação.
Ora foi neste ambiente
que o tio lhe preguntou:
«—Ouve cá, ó Mariquinhas,
«*essa coisa* em que ficou?...»
«—O magusto vai no meio
«não ha nada resolvido.»
«—Mas ó filha, tu disseste
«tinhas mesmo prometido...»
«—*Prometido* já eu tenho,
«que a mim propria prometi
«—Mas isso pode lá ser!
«Coisa assim, eu nunca vi!»
«—Sente-se aqui a meu lado
«e conversemos baixinho.
«Não acha qu'inda preciso
«muito conforto e carinho?
«Quem melhor m'os pode dar
«que o tio, que me creou?!
«Que me fez independente
«com o solar que me doou?!
«E depois... nasceu em mim...»
«—Mas ó filha, tu não vês
«que já passei dos quarenta?...
«—Para mim tem vinte e três!...»

E a brisa dos pinhais,
nesta hora abençoada,
tinha sons d'harpa distante
e vinha mais perfumada...

Ille-Ego.

TEATRO SALÃO FOZ
Emp. A. Emauz — Telef. 4354 N.
HOJE ás 21 h. HOJE
O AZ
PERMANENTE GARGALHADA
Suspensas as entradas de favor

APOLO Telefone N. 4129
TODAS AS NOITES
O MAIOR DOS EXITOS
A revista fantasia
CIGARRO BREJEIRO
Peça que ainda não teve rival, nos nossos palcos pelo seu deslumbramento da apresentação.
ESPIRITO SEM INCONVENIENCIAS

TEATRO DE S. CARLOS
Telef. 5063 Central
Companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha
Direcção artistica de Carlos Santos
HOJE — Ultima representação de
O CELEBRE PINA
A 22 do corrente — Primeira representação da peça historica de grande espectaculo, original de SILVA TAVARES
VASCO DA GAMA

TEATRO POLITEAMA
EMPREZA LUÍS PEREIRA — TELEF. N. 3028
TEMPORADA PARISIENSE DE 1922
Companhia Franceza de Comedia do eminente actor **GABRIEL SIGNORET** — Direcção **Rothkoff**
Desde hoje até 20 de outubro acha-se aberta nos escritorios da empreza das 14 horas ás 18 a assinatura para 8 RECITAS todas com peças em primeira representação—A' escolha entre o seguinte reportorio: Petite Reine — Commedienne L'autoritaire — Les Noveaux Riches — La 8ème femme do Barbe Bleu — Le Bonheur de ma femme — Kiki — La volonté de l'homme — L'ingenu — La pelerine ecossaire — Les amants de Sagy — L'Ecole des Cocottes — etc., etc. — No acto do pagamento do seu logar o assinante indicará por escrito 3 peças que dentro do reportorio prefere vêr, de modo que, reunida a opinão dos assinantes prevalecerão os votos da maioria. — GABRIEL SIGNORET, o grande actor francês, deve estrear-se a 26 ou 27 de outubro

TEATRO SÃO LUIZ
HOJE — A festejada opereta
A LEITEIRA D'ENTRE ARROIOS
Protagonista: Ausenda de Oliveira
Na proxima semana: Estreia da nova opereta MISS ISSIPI

ARTIGOS E INFORMAÇÕES — A Cidade — CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

O divorcio

Já o maçava aquela historia todos os dias. Ralhos, choros, lamentações!... Não era que ela fosse má rapariga. Antes pelo contrario. Tinha ali uma esposa exemplar, dedicada e amante. Mas não lhe permitia certas liberdades, certos excessos a que se habituara quando solteiro. E era um inferno quando entrava em casa de madrugada, os olhos brilhantes do alcool, e a vinha encontrar, chorando, sem conseguir adormecer, esperando por ele...

—Isto tem que acabar!

E acabou um dia. Trataram do divorcio e separaram-se. Tanto mais que ele trazia debaixo de olho a Stela, uma deliciosa mulher, divorciada tambem, que ha muito tempo lhe sorria, maliciosa e envolvente...

* * *

Hoje, pobre dele!... De senhor, passou a escravo. Os caprichos de Stela são ordens que se cumprem, sem um reparo. Já não perde noites, não se embriaga... Sujeita-se mesmo a que os amigos riam dele, da sua boa fé...

E nas noites altas em que muitas vezes a aguarda, a visão da pobre Margarida atormenta-o, como um remorso...

—De onde vens? atreve-se inda ás vezes a preguntar.

Ela responde-lhe quando lhe apetece. Uma resposta vaga, por favor...

E ele ás vezes murmura baixinho, com receio que ela o ouça:

—Isto tem que acabar!

Mas não acaba. O que acaba, e não demora muito, é o resto da fortuna que ainda não dissiparam. Depois...

Depois acabará, mas por vontade dela, que ha de querer procurar novos horisontes, novos prazeres...

Felix Correia

A chegada do Chefe de Estado

O desembarque será ao meio dia

Na majoria general da armada foi esta tarde recebido um radiograma confirmando a chegada do *Arlanza* ao Tejo, ámanhã, pelas 7 horas. O Chefe de Estado almoçará a bordo e só ás 12 horas é que o navio virá de Belem para frente da Praça do Comercio, onde o desembarque se efectua.

O comercio não abre ámanhã

Os presidentes da Associação Comercial de Lisboa e dos Retalhistas solicitam do comercio que ámanhã não abra as suas portas e que embandeire e ilumine as suas frontarias.

AO POVO DE LISBOA

A Camara Municipal de Lisboa convida, por esta forma, o povo desta cidade a associar-se ámanhã, 11, na Praça do Comercio, á manifestação a fazer ao ilustre Presidente da Republica, pelo regresso da sua viagem triunfal ao Brasil.

Lisboa, 10 de Outubro de 1922.

O Presidente da Comissão Executiva

(a) Joaquim Maria Lopes Domingues

POMBOS CORREIOS

O eterno feminino a bordo do "Porto"

Notas e impressões do enviado especial do "Diario de Lisboa" ao Brasil

A bordo ha uma alma feminina: a cabra. E ha uma mulher: a cozinheira. A cabra tem bigode, mastiga tabaco—como já contei—e espreita. A cozinheira tem a boa qualidade de não espreitar, não mastiga tabaco, mas usa bigode. Já disse que—apesar do senão—a cozinheira é a unica mulher que vai a bordo.

Ao começo não se deu por ela. Emfim, passou despercebida. (Está hoje provado, com factos e documentos de bordo, e até com a propria matricula—que a cozinheira não é cozinheira; é apenas criada de camaras). Ao começo, pois, não se deu por ela. Mas por fim, na altura em que o sr. Reitor de Coimbra exclamava: «não ha mulheres e ainda bem», um marujo murmurou:

—Lá isso ha...

Logo que o bom reitor adormeceu sobre Caillaux, uma pessoa informou-se perante o marujo:

—Mas quem é?

—A cozinheira...

E nessa tarde passou:

—Vocês já viram a cozinheira?

—O quê? *uma* cozinheira?...

—Homem!—fazia o João de Barros.—Homem, já te disse. Uma mulher autentica!

O Cortezão, que ia enjoado na coberta, a cabeça encostada numa almofada branca como uma tisica das praias de Antonio Nobre, o Cortezão mesmo demandou:

—Mas sempre é mulher?

—Lá isso é...—ateimou o professor Correia.—Diz-se diante do ministro; é porque é verdade.

O Avelino de Almeida ia passando, já de casaca, para o jantar:

—Ora eis uma boa novidade.

O dr. Luzes confirmou:

—A mim não me repugna afirmá-lo, posto só lhe tivesse visto as saias.

Neste e nos dias seguintes, começaram a ser feitas *tournées* pela banda da camara de segunda. A pobre senhora foi objecto de raros e imprevistos acontecimentos na sua vida. Á tarde — mesmo — foi ver-se ao espelho. Houve um senhor medalhado que passou e disse:

— Boa tarde, senhora. . .

Ela retorquiu numa mesura perturbada

— Muito obrigada a sua excelencia.

Passaram muitos: o comandante Coriolano, o dr. Luzes, o dr. Nunes, secretario particular, o Abadie, o Acurcio com o monoculo de 13 graus, o comandante Athias.

Discutia-se:

— É loira. .

— Lá loira, não é. Mas, pelo menos, não é preta.

— Homem! — garantia o maestro Fão — ela sempre tem alguma harmonia de conjunto.

O sr. dr. Antonio José de Almeida, senhor do alvoroço a bordo, interrogou o ministro:

— Que ha, sr. doutôr?

— Boatos. Nada mais que boatos. Não está nada provado.

O general Faria interrogou uma praça:

— Que ha?

— Saiba o meu general que uma mulher.

— Rapaz. Que me dizes?.

E de si para si:

— Já agora passemos por lá.

E deitou o rabo do olho. Ao jantar, foi mesmo quem marcou. Fala-se do grande acontecimento. O almirante Neuparth, apanhando o casto Correia distraido, murmurou qualquer cousa ao ouvido do general. E este — afirma-se — retorquiu:

— Isso lá por ter bigode, não tira.

Eu mesmo, na reportagem, passei e vi, vi com estes olhos que o mar ha-de comer. Era um perfeito, compenetrado exemplar da fauna impossivel do horrivel feminino.

E fosse como fosse, diga-vos eu o que disser, a sr.ª Gertrudes da Silva Teixeira durante dias não deixou de ser a unica pessoa notavel do navio.

Sua Majestade a cozinheira!

Ha uma rectificação a fazer na minha já distante *Carta aos supersticiosos*, e de que alguns leitores estarão lembrados. Afinal não foram ao mar os pacotes que se julgaram ser cartas, e que da mão do Palmeirim o Acurcio Pereira recebeu para entregar no Rio.

Não senhor. O nosso colega não atirou ao mar senão os envolucros, e daí toda a macaca que o navio continuou a ter. Pelo menos assim o diz toda a gente.

(Devo dizer que *Palmeirim* é para mim um simbolo, e que não vai nesta cronica, nem foi na outra, nenhum desejo de ser desagradavel ao meu respeitavel companheiro de jornalismo. Mas...)

Mas a situação já a encontrei e os supersticiosos é que não largam assim com considerações de camaradagem.

Pois, ontem, a certa hora do dia, dei, na altura em que constou um desastre na maquina de estibordo, com uma misteriosa reunião na sala nobre do navio.

— Mas eu faço o que vocês quizerem. Tomem lá a chave. Deitem tudo ao mar.

Falava transido o Acurcio. Um chegava:

— Não pode ser. A gente ferra cem tudo no mar e no Rio compram-se iguais presentes para os petizes.

Devo dizer, sentimentalmente, que os objectos do Palmeirim — que dão calixtagem ao navio, e constituem fetiche mau — são brinquedos de criança. Era o argumento do Acurcio.

— E' para os petizes...

— No Rio compramos cem brinquedos iguais. Eu compro tudo o que lá houver. Tambem tenho filhos. O que não pode ser é o navio ir ao fundo por causa do Palmeirim.

Era o jornalista brasileiro, elegante e bom moço, Dias Sobrinho.

— Votos, vamos a votos!

Desasseis pessoas disseram:

— Ao mar!!

Primeiro, porêm, era preciso vêr o que eram os brinquedos. Vae tudo de roldão para o camarote do Acurcio. A' frente um jornalista português, o Jaime Cortezão, o Dias Sobrinho, o Barreto da Cruz, o tenente Pedroso. Vinte pessoas á porta. No corredor, criadagem e a cabra.

O Acurcio entregou tudo. Eram frageis, delicadissimos, inocentes brinquedos.

— Ao mar! Ao mar!

* * *

Apareceu um homem de barro a cavalo, num cavalo tambem de barro.

—E' o sr. D. José I—exclamou o Dias Sobrinho. No Brasil compra-se outro igual.

—Não é o D. José I. E' o José Casimiro...

E era um toureiro a picar o boi.

—Isto não ha no Rio...—observa o Abadie.

Tristeza.

Foi nesta altura que o Dias Sobrinho sufocou. O Cortezão diz:

—Tenho pena das crianças!

Silencio. Um mais sentimental—que até podia ser eu proprio—exclama:

—Eu prefiro que o navio vá pr'o fundo. Mas lá deitar os brinquedos inocentes ao mar é que não...

—O Acurcio, apavorado, dizia só:

—Emfim. Façam o que quizerem. Não quero a responsabilidade do fracasso da viagem presidencial...

E resolveu-se então deitar ao mar apenas os papeis e as tampas das caixas que tinham escrito pela letra do proprio, do autentico Palmeirim, o nome e a morada dos petizes.

Veiu tudo de choldra para o tombadilho. Foi uma festa.

—Vai-te, vai-te p'rás profundas do inferno letra e papel maldito... Vai-te, mafarrico.

O certo é que o navio nessa mesma tarde aumentou a velocidade para 13 milhas e nessa noite não adoeceu ninguem a bordo.

Norberto de Araujo

Os Teatros

Academia de Amadores de Musica

Na Academia de Amadores de Musica realiza-se ámanhã, pelas 21 horas, para abertura do novo ano lectivo, uma sessão solene com sarau artistico, que será présidida pelo sr. ministro da Instrução. A Academia, de tão brilhantes tradições, é hoje uma grande escola de musica orientada pelos mais modernos processos pedagogicos. Fundada ha mais de 40 anos, num tempo em que não havia ainda em Lisboa concertos regulares, nem orquestras, nem sextetos pelos cinemas, como ha hoje, a Academia de Musica conta entre os seus socios fundadores o marquês de Borba, Silva Lisboa e o dr. Korth—dos vivos—e o duque de Loulé, o visconde de Atouguia e Alfredo Keil—dentre os que morreram já.

Começou por ser uma orquestra, com o nome de «Rea Academia de Musica». O duque de Loulé tocava contrabasso; o visconde de Atouguia trompa e o marquês de Borba flauta. Foi na «Academia» que o saudoso Keil fez ouvir as suas primeiras composições. E' todo um passado brilhante, em que a educação do espirito pela Arte teve entre nós a sua hora inicial.

Nos ultimos anos, a «Academia» viveu quasi sem recursos. Em maio ultimo, foi nomeada uma nova comissão administrativa, de que fazem parte o coronel Patacho, Alexandre Ferreira, Pissarra Gouveia, Frederico Ribeiro, Alvaro Barata, Manuel Gomes e Valentim de Carvalho, comissão que reatou as [illegible]lhas e fidalgas tradições da «Academia».

Hoje podemos chamar-lhe o Conservatorio noturno. As crianças seguem as lições de musica com verdadeiro prazer. O seu corpo docente é magnifico: Tomás Borba, em composição; Pedro Blanch e Ivo da Cruz, em violino; D. Cecilia Borba, em harpa; D. Sára de Sousa, em canto; Orulez e S. Vincent, em violoncelo; D. Ilda Carneiro, em solfejo; D. R. Rotondano, no ensino da lingua italiana, e F. de Lacerda, em Historia da Arte—para citar apenas os nomes que nos vêm agora á memoria.

A inscrição de alunos nunca foi tão concorrida como este ano. E' de esperar que a sessão de ámanhã constitua um verdadeiramento acontecimento artistico e que a «Academia» continue a prestar os mais relevantes serviços á Arte musical.

A revista «Cigarro Bregeiro»

A firma portuense Ascensão Barbosa e Abreu e Sousa, autora de varias peças representadas com sucesso, falia com o «Cigarro Bregeiro». A revista não tem graça, nem coesão. O que lhe vale, o que a sustenta em scena com certo exito, é o brilho dos scenarios a magnificencia do guarda-roupa. Ha muito tempo que não viamos uma peça tão luxuosamente montada. Merecem por isso louvor o empresario Luis Ruas, o «costumier» do Porto Jaime Valverde e todos os scenografos que trabalharam para o «Cigarro Bregeiro».

No desempenho sobresaem Lina Demoel, Deolinda Sayal, Alda Teixeira, Julieta Soares, Alberto Miranda, Aurelio Ribeiro e Soares Correia. C[illegible] Henrique continúa progredindo.

A peça «Vasco da Gama»

S. Carlos encerra hoje as suas portas, até 22 do corrente, com a ultima representação do «Celebre Pina» São necessarios dez dias de trabalho exaustivo para se proceder á montagem e aos ensaios de apuro da peça historica de grande espectaculo «Vasco da Gama» original do distinto poeta Silva Tavares. «No Vasco da Gama estreia-se Gastão Alves da Cunha, irmão de José Alves da Cunha, e reaparece o actor Carlos San[illegible].

Atrás do reposteiro

Está em Lisboa o sr. Henrique Alegria, [illegible] artistico da Invicta-Film, que vem tratar da constituição de uma empreza cinematografica, que se denominará «Patria-Film».

—Chega ámanhã a bordo do «Arlanza», tendo feito a viagem com o sr. Presidente da Republica, de quem é ámigo pessoal, o actor Rafael Marques, societário do teatro Nacional.

—Diz-se que vai organizar-se uma companhia de comedia, cuja primeira figura será o actor Nascimento Fernandes.

—Consta que o actor Eduardo Brazão, sentindo-se bastante cançado, pensa em abandonar teatro, reformando-se pela Caixa de Pensões do Teatro Nacional.

—Chega no dia 5 a Lisboa o emprezario José Loureiro.

—Vindo do Porto, chega esta noite a Lisboa o actor José Ricardo, que vai convalescer para a sua casa de Cintra, na avenida Alda.

—Começaram hoje no teatro Politeama os ensaios [illegible] peça «A dama das Camelias» para reaparição de Palmira Bastos.

POLITEAMA GRANDE EXITO —
Cautela com a Fernanda
Aberta a assinatura para a proxima epoca.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

CASO GRAVE

A ANARQUIA
na Justiça
se o ministro não melhorar
a situação
dos escrivães de direito

O *Diario de Lisboa* já se referiu á situação dos escrivães de direito, numas quantas linhas que tiveram o condão de levar o sr. Catanho de Menezes, ministro da justiça, a tornar publica uma nota em que se afirmava que, assunto de tanta importancia, lhe merecia a maior das atenções. Mas nós sabemos o que é, para um ministro, a maior das atenções... Devido ao que, já que este jornal tem por norma dar albergue ás quantas reclamações justas por aí surgem, deliberou enviar ao encontro de alguem da classe dos escrivães de direito—classe que, nesta maré alta de protestos, revoltas e anarquisação, tem mantido os seus velhos creditos ordeiros—um dos seus redactores. Quem vai usar da palavra nestas colunas, pessoa de honorabilidade indiscutivel e que dispõe de uma solida reputação de seriedade, deu assim inicio á exposição da justiça que assiste á sua classe:

—A nossa situação não melhorou com as subvenções. Pelo contrario, como elas vieram aguçar a ganancia dos merceeiros e de todos os que se entregam ao comercio de viveres, fornecendo-lhes pretexto para novo e consideravel aumento, de facto peiorámos.

—Então, o Estado não lhes paga?

—Não só não recebemos nada, mas ainda lhe pagamos. Tanto assim que, afóra a contribuição industrial, ainda se lhes desconta nas custas dos processos uma percentagem destinada aos empregados do ministerio das Finanças.

—Apesar disso, talvês os salarios não sejam dos menos compensadores...

—Como está iludido! Nós sabemos que grande parte do publico tem essa impressão quanto á classe, mas a verdade é que a tabela de 1896, porque são contados os novos proventos, desde então apenas foi aumentada em 125 °|o em Lisboa e Porto, e em 150 °|o nas restantes comarcas, limitando-se tal aumento aos processos de determinado valor para cima.

—E' a realidade. A não ser que a tabela de 1896 fosse tão boa que, apesar da desvalorização da moeda, não ficasse má de todo...

—Mas, senhor, a ser assim, era ela tão elevada que todos os escrivães, desde esse ano até á declaração da guerra, teriam enriquecido e por isso ninguem deu... Já vê que o seu reparo não é justo.

—Perante situação tão grave, que pensam fazer?

—Que pensamos fazer? Neu eu sei. Mas o que virá a suceder é trabalharmos tanto quanto possivel dentro das horas regulamentares, despedindo os empregados, que não pudermos pagar. Sabe qual é, presentemente, a despesa de um cartorio? Qualquer coisa que vai além de 500 escudos por mês... E, a despedirmos os empregados, os processos atrazar-se-hão, anarquisando-se os serviços de justiça e perdendo-se a unica coisa devidamente organizada que ainda existia no país. De resto, esses nossos colaboradores têm direito tambem a mais dinheiro e é preferivel o despedimento a coagi-los a morrer lentamente de fome a nosso lado.

—Em conclusão: Qual é hoje a situação de um escrivão de direito?

—Suponha que um escrivão do comercio ou do civel, em Lisboa, recebia anualmente nove ou dez mil escudos, e de facto recebe muito menos. Desconte nessa soma, seis a sete mil escudos para empregados, maquinas, tintas, etc., neste *etc.* incluindo a compra e conservação do mobiliario do cartorio, que tudo é feito á nossa conta. Ficam, apenas, uns 3.000 escudos que, como sabe, é quantia insuficiente para se manterem e á familia, naquele grau de decencia a que a sua categoria social obriga. Já vê, meu amigo, que bem justo era que o ministro da justiça durante alguns minutos olhasse para a situação dos escrivães de direito, arrancando-os, com as quatro penadas necessarias á assinatura de um decreto, da incomoda vizinhança da fome.

OS SERVIÇOS PUBLICOS

O ministerio
da Agricultura
tem de ser suprimido?

No artigo que se vai lêr
diz-se como e porquê

E o caso é que o jornalista dificilmente se abeira de um grupo de politicos, que não os surpreenda na discussão do assunto. Hoje, por exemplo, fomos dar com dois esturrados a comentarem, num café da Baixa, o artigo do sr. Edmond Santos inserto no ultimo numero do *Diario de Lisboa*, sobre a necessidade de se acabar com o ministerio das Colonias.

* * *

Falava-se, a proposito, na extinção, egualmente necessaria, do ministerio da Agricultura.

— Esse sim. Esse é que já devia ter desaparecido ha muito — insistia um dos circunstantes, pessoa que bem conhece o assunto, mas de quem, por motivos ponderosos, não podemos dizer o nome,

E pôz-se a explicar:

— Esse negregado ministerio, não só não trouxe, até hoje, o menor proveito para o país, mas ainda se transformou num formigueiro indecoroso de apaniguados — vindo da numerosa prole de uma geração de Direcções Gerais, e viveiro para cultura de funcionarios e funcionarias que nada fazem.

Metemo-nos na conversa, e démos em inquirir, buscando pormenores, tacteando a entrevista.

— Não haverá exagero?

—Qual? Se você soubesse tudo... Olhe: pegue nos volumes da Estatistica Comercial, Comercio e Navegação, e por eles verá que, de 1818 para cá, a nossa importação tem aumentado constantemente, o que prova que a produção nacional tem diminuido.

—Surgiu a guerra...

—Sim, surgiu a guerra; mas o que você não diz é que foi precisamente para fazer face ás circumstancias creadas pela guerra que esse ministerio se creou, e que o seu papel deveria ser produzir tanto mais quanto mais necessario fosse, para corresponder ás exigencias sempre crescentes do consumo.

* * *

—O que admira, então, é que só agora tenham dado por isso...

—Eu tenho-o dito sempre, estou farto de clamar contra aquela pouca vergonha. Aquilo não serve para nada. Se alguma coisa tem de aproveitavel, é o que vem ainda da antiga e extincta Direcção Geral.

—Bem; já alguma coisa tem de aproveitavel.

—Tem; mas com esta diferença: é que antigamente gastavam-se, por ano, pouco mais de 500 contos, e hoje, não falando nas subvenções, não se faz a despesa com menos de seis mil.

Gesto de espanto. E o informador:

—Você admira-se? Pois examine os arquivos das infinitas Direcções Gerais e lá encontrará a prova. Não se acham na papelada senão folhas de vencimento, folhas espantosas de ajudas de custo, relatorios, portarias, decretos inuteis, sem vida, porque a sua promulgação não obedeceu a qualquer plano de antemão formulado.

—Nesse caso...

—Neste caso, é indispensavel que se volte á antiga, e quanto antes.

—Como?

—Que fiquem apenas as 3 direcções gerais basilares: direcção dos serviços agricolas, direcção dos serviços pecuarios e direcção dos serviços florestais. O resto, com pessoal e tudo, barril do lixo com ele, salvando-se o que pode e deve salvar-se.

* * *

—Vê possibilidade de se conseguir isso?

—Vejo a possibilidade e vejo a necessidade. No dia em que acabarem com aquele ministerio, será de pasmar a economia obtida. Será, então, um facto de monta, a compressão de despesas.

—Vamos lá a vêr esse plano.

—E' simples. A instrução agricola, no seu aspecto didatico, passava para o ministerio da Instrução, onde já esteve; a instrução agricola, no seu aspecto pratico, ia para a direcção dos serviços agricolas. De resto, nem se compreende que esta não ande ligada á repartição que superintende na exploração da terra.

—E a Direcção Geral de Estatistica Agricola?

—Lixo, tambem. Essa é uma autentica intrujice nacional, sobre ser um luxo com que o país não pode. Para o ministerio das Finanças com o mostrengo!

—Mas é uma remodelação completa...

—Deixá-lo. Mas é preciso. A Direcção Geral do Credito Agricola, em que se está desperdiçando hoje o belo trabalho do malogrado agronomo Sertorio do Monte Pereira, tem que voltar a ser o que era, a antiga Junta de Credito Agricola, por isso mesmo que a sua capacidade não deve ir além do credito á lavoura.

* * *

—E faz-se assim a compressão das despesas?

—Espere. Depois disto, para a limpesa ficar completa, há ainda uns pormenores:

—Quais?

—Fixação dos quadros com redução do pessoal; redução de regiões agricolas, voltando-se ao estado anterior a 1913, um agronomo por distrito; redução de escolas agricolas, com dotação folgada das que fiquem, para que sejam verdadeiramente organismos uteis e prestaveis. O mesmo se diz dos postos zootecnicos. Inquerito agricola para sobre ele se basear a remodelação consciente dos serviços agricolas. Farta expansão dos serviços de hidraulica agricola, mas com garantia da sua efectivação ligada ao pagamento das verbas destinadas para essa efectivação.

* * *

—Esqueceu-lhe uma coisa...

—Não me parece...

—O comissariado dos abastecimentos. Já agora...

—E' verdade. Você não me dirá para que serve isso?

—Mas esse, ao menos, não traz encargos para o Estado.

—Dizem isso, porque paga as suas despezas com o lucro das transacções. Mas quem é que paga ao pessoal?

—No fim, não se salva nada.

—Lixo, com todos esses mostrengos!

AUGUSTO GIL
Regressa amanhã da Guarda

Regressa amanhã da Guarda o sr. dr. Augusto Gil, director geral de Belas Artes, a quem uma grave doença afastou ha tempo do exercicio daquelas funções.

OS T. M. DO E.

OS NAVIOS
arrestados
no porto italiano de Genova
A situação
dos seus tripulantes

Quando no salão do Avenida-Palace, entre dois calices de licor doirado, um amigo apresentou ao jornalista o sr. Eurico Martelli, o jornalista adivinhou que a apresentação tinha sido requerida com qualquer intuito mais importante que o de conhecer pessoalmente o seu modesto nome. E assim era. O sr. Eurico Martelli, italiano, afavel, falando o francês como autentico parisiense, lera no *Diario de Lisboa* uma carta de Genova em que se falava da má situação em que se encontram as tripulações dos navios dos T. M. E., arrestados por não terem pago umas contasitas caladas.

—Eu desejava muito esclarece-lo acêrca do que o seu jornal publicou..

—O *Diario de Lisboa* recebeu a informação e transmitiu-a aos seus leitores. Se ela não é exacta..

—E' exagerada, exageradissima. Em primeiro logar: os marinheiros não passam fome. São até excelentemente alimentados. Garanto-lho por minha honra. Eles proprios, quando regressarem, o confirmarão.

—A que atribue então o escandalo da «via» Ponte Male?

—Teem sido feitos a todos os marinheiros portugueses adeantamentos, não para comerem, porque a sua alimentação está garantida mas para cigarros, sabão e outras pequenas coisas indispensaveis. Esse dinheiro é rapidamente gasto, o que me não causa espanto, porque os portugueses não gostam—e isso é muito louvavel—de se privar de conforto. Há dias queriam receber mais um desses adeantamentos. Não havia ordem. A agencia esperava um telegrama. Disse-lho. Um ou outro protestou, mas quasi todos se conformaram. Foi talvez algum desses protestantes que pintou o quadro de forma diferente ao informador do *Diario de Lisboa*. Mas o que lhe não disse é que o telegrama chegou e com ele ordem para ser distribuido dinheiro a todos sem excepção. Esta é que é a verdade.

E o sr. Eurico Metelli mostra-nos um telegrama recebido de Italia, que confirma em absoluto as suas declarações, de resto corroboradas por um outro telegrama do nosso consul em Genova.

—Quantos marinheiros portugueses estão em Genova?

—Uns cento e cincoenta.

—E a quanto montam as dividas dos T. M. E. ao comercio genovês?

—Uns quatro milhões de liras.

—O governo português vai, segundo creio, resolver rapidamente esse assunto. A comissão liquidataria dos Transportes Maritimos já reuniu para esse efeito.

—Tambem creio que o caso vai ficar arrumado. Mas isso não me preocupa. Como italiano o que desejava era que o seu jornal dissesse o que se passou. Há um ano que vivo em Portugal e não tenho se não recebido gentilesas e deferencias dos portugueses. Ficar-lhes-hei devendo mais esta.

—E' justiça, simplesmente, reduzir o caso ás suas verdadeiras proporções.

A remodelação dos serviços publicos

Sob a presidencia do sr. dr. Almeida Ribeiro reuniu esta tarde, numa das salas do Congresso da Republica, a comissão parlamentar encarregada de estudar as bases em que deve ser feita a remodelação dos serviços publicos.

As sub-comissões, que têm estado a trabalhar junto dos diversos ministerios, deram conta de alguns dos seus trabalhos que vão prosseguir

LARANJADAS DE ALCOBAÇA

CALÇADO BARATO só o vende o **CANDEIAS**

INTENDENTE (defronte do chafariz)

Sapatos em calf para senhora.	14$50	Botas em vitela preta para senhora.	28$00
» » » preto de 1.ª	26$00		
» » vitela, salto razo.	23$00	Botas em vitela nacional para homem	29$00
» » verniz, salto sola.	30$00		
Botas em calf preto, 2 solas, 1.ª	35$00	Botas em vitela branca, forradas de carneira	24$00
Botas «double» gáspia, para homem.	38$00		

Visitai as nossas novas secções de fanqueiro, retrozeiro, modas, camisaria e rouparia, o que vendemos a preços extraordinariamente baratos.

Ao Candeias! Ao Candeias!

PAPEIS

IMPRESSAO
ESCRITA
E EMBRULHO

FIO DE VELA

PAPELÃO PALHA E HOLLANDEZ

IMPORTAÇÃO DIRECTA

CAIXAS DE PAPEL, simples e de luxo

FABRICOS ESPECIAES

VENDAS POR ATACADO **Pedidos á**

Casa Hollandeza

170, Rua da Alfandega, 172

Telegramas: SOUTELLEYA LISBOA

Fonsecas, Santos & Vianna

BANQUEIROS

ESTABELECIDOS EM 1861

Rua do Comercio, 116 a 132

Telegramas: *SANVISE-LISBOA*

ROSA & IRMÃO

COVILHÃ

vendem, sem intermediarios, as melhores e mais lindas fazendas.

PEDIR AMOSTRAS

ANTIGA CASA ENCARNAÇÃO

SUCESSOR M. V. DA FONSECA

Balanças, pesos e medidas. Cofres, fogões moinhos e torradores. Prensas de copiar e acessorios. Louça esmaltada, máquinas de picar e outras, etc

25, 27, R. da Victoria, 29, 31 — R. dos Correeiros, 74 a 96

Telefone 3:061 — Encarnação ◇◇◇ LISBOA

N. B.—Não confundir a verdadeira e antiga casa Encarnação, de existencia secular, com outras da mesma industria, que dizem ser a mesma casa

PAPELARIA VIUVA MARQUES

TELEFONE C. 267

LIVROS COMERCIAIS PARA ESCRITURAÇAO
ARTIGOS DE ESCRITORIO E DE FANTASIA

Tintas e material para desenhadores
Papeis continuos, tela, vegetal e Marion para desenho
Canetas com tinta—Caixas de papel de luxo

EXECUTAM-SE

trabalhos tipograficos e litograficos

Timbragem a relevo — Encadernações simples e de luxo

PREÇOS MODICOS

34 a 38, RUA DO OURO, 34 a 38

LISBOA

MOBILIAS E ESTOFOS

30 a 40 0|0 mais barato
Por conta do fabricante

Grande sortido de luxuosas mobilias em diversos estilos
Salas com «cosi-corner»
Escritorios em pau santo
SALAS DE JANTAR
Quartos, «maples», carpetes, passadeiras e stores
TELEFONE N. 2142

Fulgencio & Albuquerque, L.da
Rua de Passos Manuel, 46 e 48

A CURA DO HEMORROIDAL PELA

"HADENSA"

Preparado scientifico alemão recomendado por todos os medicos

Vende-se nas boas pharmacias
DEPOSITO GERAL
MATTOS, CALLEYA & C.ª L.da
69, Rua do Carmo
LISBOA

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO, 140

Mobilias

Aos que desejam ser economicos

Recomendamos que visitem a nossa casa, onde se compram mobilias nos mais bonitos e variados estilos.

Mobilias de Quarto estilo inglês, em castanho macisso a preço de

RECLAME 1:600$00

Telles, Portella & Ferrador L.da

77, 79--Rua dos Cavaleiros--81, 83
(Loja e 1.º andar)
Telefone 3549 Norte

FRANCISCO HENRIQUES ALVES

Faleceu

Maria Eugenia Ferreira Alves, Artur Henriques Alves, Germano Henriques Alves, De Wet Henriques Alves, Stoessel Henriques Alves, Felizbela Maria Alves, Afra Maria da Conceição Alves Cunha, seu marido e filha, participam a todos os seus parentes e pessoas de sua amisade o falecimento do seu muito querido e chorado marido, pai, sogro e avô e que o seu funeral se realisa quinta-feira, 12, ás 11 horas, para o cemiterio do Alto de S. João, saindo o prestito funebre da sua residencia na rua Vasco da Gama, 51, 3.º.

FRANCISCO HENRIQUES ALVES

Faleceu

J. M. Neves & C.ª S.os participa a todos os seus clientes e amigos o falecimento do saudoso e querido chefe da casa, Francisco Henriques Alves e que o seu funeral se realisa quinta-feira, 12, ás 11 horas, para o cemiterio do Alto de S. João, saindo o prestito funebre da rua Vasco da Gama, 51, 3.º.

FRANCISCO HENRIQUES ALVES

Faleceu

F. C. Pereira participa a todos os seus clientes e amigos o falecimento de seu querido e saudoso sogro, e que o seu funeral se realisa na quinta-feira, 12, ás 11 horas, saindo o prestito funebre da rua Vasco da Gama, 51, 3.º, para o cemiterio do Alto de S. João.

A todas as refeições pedir sempre

Colares Luzitano

Superior aos melhores

Deposito: Rua da Magdalena, 215
TELEFONE 227 C

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

A GUERRA GREGO-TURCA

A Turquia vai organisar um congresso pan-islamico

A politica da Inglaterra

BERLIM, 10.

Noticias de Angora permitem admitir a hipotese de livremente a Turquia tomar a iniciativa dum congresso pan-islamico em que não faltará quem defenda a conveniencia dos mahometanos se auxiliarem contra a opressão dos seus respectivos paises. A Inglaterra é principalmente visada por esta politica que, parecendo de defesa, tem caracter agressivo.—(Diboa).

A questão do caminho de ferro do golfo Persico

LONDRES, 40.

A opinião ingiesa segue com toda a atenção a questão do proximo oriente. Ha receios de que os turcos não desistam das suas pretenções sobre a Mesopotamia, renascendo a questão do caminho de ferro do golfo Persico.—(Dibôa).

A navegação no Bosforo

CONSTANTINOPLA, 10.

A navegação no Bosforo que foi suspensa no domingo á tarde por ordem do almirante inglês, em consequencia de uma incursão dos kemalistas na zona neutra, foi restabelecida esta manhã.—(H.)

A lei marcial

PARIS, 10

Dizem de Atenas de origem inglesa que foi ali proclamada a lei marcial.—(H.)

GREGOS E TURCOS

Os "soviets" e o problema do proximo oriente

A INGLATERRA quere que a Russia tome parte na Conferencia da Paz

O que ninguem esperava com certeza é que o autentico vencedor desta embrulhada questão do Oriente fosse o governo dos soviets. Não lutou contra este ou contra aquele, nem sequer se incomodou a enviar um representante a qualquer conferencia; não teve o minimo trabalho, não realizou qualquer despesa. No entanto, nenhuma nação aproveitará, como ela, da situação do Oriente.

Ha duas hipoteses a considerar: ou a França abandona as prevenções que tem contra a Russia, ou não as abandona. No primeiro caso, a Russia, bem como a Turquia (importante por causa dos Estreitos), bem com a Inglaterra e com a França, vence em toda a força de expressão, e as vantagens que a França ou a Turquia obtiverem com a vitoria não podem comparar-se de perto nem de longe com as que ela obtem.

Se, pelo contrario, a França continúa hostil á Russia, esta encontrará na Inglaterra um apoio incondicional, e não será ir muito alem prever uma grande aliança entre as duas nações dentro de poucos anos. A Russia ganhará nisso de mesma maneira.

Esta segunda hipotese parece-nos mais provavel. E' natural que a França impozesse á Turquia certas condições respeitantes aos soviets a troco do auxilio que lhe prestou.

A Russia tem posto a sua esquadra á disposição dos turcos; ainda não chegou noticia de que esse auxilio fosse aceite ou dispensado com aquelas palavras delicadas e agradecidas que faziam presumir as anteriores relações turco-russas. Isto faz supor indicações francesas.

Até quando as seguirão os turcos?

Isso dependerá dos interesses que a Russia, em interesse proprio e aconselhada pela Inglaterra, souber contrapor aos que a França continuar a oferecer-lhe.

Ha de ser bastante dificil á França contrabalançar a Russia neste ponto. A Turquia fica encravada entre nações hostis, inimigas desde sempre; só a Russia a trata bem. E ambas elas têm interesse em se não hostilisarem e em se auxiliarem.

Por isso as relações turco-russas, ainda que possam atravessar momentaneamente um periodo mais frio, devem voltar breve ao que eram, sem o que a Europa se verá em riscos duma conflagração mais terrivel que a ultima.

Se as comunicações pelo sul forem dificultadas á Russia e com elas cerceados os auxilios que a Turquia lhe dava só no bem tratar, ela voltar-se-ha de todo para a Inglaterra, que verá nela a nação que pode levar a sua industria á antiga actividade e ajuda-la a apagar os efeitos desta autentica derrota no Oriente. Por maiores habilidades que os diplomatas ingleses desenvolvam na Conferencia da Paz, a Tracia ficará aos turcos.

A Inglaterra começa já a trabalhar pela Russia, comunicando ao governo francês que deseja que ela participe da Conferencia.

A NATALIDADE EM FRANÇA

O numero de nascimentos em seis meses do ano corrente baixou em dez por cento

PARIS, 10

Acaba de publicar-se o mapa da natalidade nas dez maiores cidades da França durante os primeiros semestres de 1921 e 1922. O numero de nascimentos diminuiu numa media de 10 por cento.

	Nascimentos — *Primeiro semestre* 1921	1922
Paris	27.489	24.238
Marseille	6.303	6.176
Lyon	5.088	4.583
Bordeaux	2.943	2.629
Lile	2.587	2.353
Strasbourg	2.221	2.003
Nantes	1.967	1.875
Toulouse	1.642	1.534
Saint-Etienne	1.832	1.661
Nice	1.479	1.476
Totais	53.551	48.528

Os monopolios na America do Norte

NEW-YORK, 9

Alguns jornais encetaram uma violentissima campanha contra os monopolios e fortunas feitas á custa da guerra.—(*Diboa*).

Os misterios da selva

Estreiam-se hoje no Condes o 11.º e 12.º episodios do famoso «film»

Está prestes a terminar o admiravel «film» «Os misterios da selva». Hoje mais dois dos seus episodios, o 11.º e o 12.º, se estreiam no Condes, continuando a desenrolar-se as curiosas aventuras dos herois do drama, entre feras e macacos, que neste «film» desempenham tambem um importantissimo papel. Esses dois episodios intitulam-se «Cem contra um» e «Valor contra astucia».

Do programa faz parte a impagavel comedia de Charlot «Carmen», «A pequena espia», em 2 partes, o «Jornal Condes 135» e «Os dinamitistas». Como se vê, programa esplendido para a «matinée» e a sessão noturna.

Policlinica do Intendente
Almirante Reis, 27, 2.º
Telefone N.º 2989-N.

Dr. Abel Alves—Ouvidos, nariz e garganta, ás 13.
Dr. Almeida Dias—Doenças nervosas e mentais. Electroterapia, ás 13.
Dr. Anastacio Gonçalves—Doenças dos olhos, ás 15.
Dr. Antonio Martins—Doenças das senhoras, ás 16.
Dr. Armando Formigal Luzes—Rins e vias urinarias, ás 11.
Dr. Artur Pacheco—Doenças da pele, ás 14.
Dr. Benard Guedes—Raios X, ás 16.
Dr. Carlos Fradique—Doenças das crianças, ás 15.
Dr. Fernando Fonseca—Medicina geral, sifilis, ás 15.
Dr. Formigal Luzes—Maçagens, ginastica medica, banhos de luz, mecanoterapia, electroterapia (dia termia, alta frequencia, etc.) ás 14.
Dr. Mario Rosa—Clinica geral, estomago e intestinos, ás 14.
Dr. Pereira da Silva—Analises clinicas. Vacinas.
Dr. Pereira Varela—Doenças da boca e dos dentes, ás 10.
Dr. Vasco de Lacerda—Clinica medica, coração e pulmões, ás 13.
Dr. Vasco Palmeirim—Cirurgia geral e operações, ás 16.

EDEN-Teatro
QUINTA-FEIRA, 12
1.ª representação da peça policial francesa em 4 actos e 3 quadros, tradução de Lino Ferreira e Alberto Barbosa
O Crime do Cochicho
BILHETES JÁ Á VENDA

FAZENDAS DE LÃ PARA TODOS
POBRES
REMEDIADOS
RICOS
Todos devem preferir as casemiras dos DONAS da Covilhã porque são as melhores, as mais benitas e os mais baratas. Só os fabricantes DONAS vendem directamente ao publico todas as qualidades de fazendas de lã para fatos e vestidos, em todas as côres e em todos os padrões, por preços baratissimos ao alcance de todas as bolsas.
Depositos de vendas a retalho:
Em LISBOA — Rua dos Fanqueiros, 187, 2.º
No PORTO — Rua Fernandes Tomaz, 392-A

Uma chavena de cacau da S. I. C. equivale, como alimento, a 5 chavenas de café!
Além d'isso o cacau beneficia a saude e o café prejudica-a

BELAS JOIAS
Colares de perolas, aguias, aneis, brincos, barrettes, etc., modelos exclusivos das nossas oficinas. Desconto aos revendedores. Saraiva, Costa & Santos, Limitada. Ourives Fabricantes. Rua das Portas de Santo Antão, 44.

ESTORIL-TERMAS
Gôta — Reumatismo crónico
Lamas — Duches — Banhos

EM ARMAZEM
Semeadores e cultivadores
Selecionadores de sementes
Acessorios para debulhadoras
TUBOS para caldeiras
Injectores e purgadores
Manometros hydraulicos e de vapor
Etc., etc., etc.
John M. Sumner & C.º
SUCESSOR
JOSÉ J. TEIXEIRA
Av. da Liberdade, 29, 37
LISBOA

FINISSIMO REFRIGERANTE
LARANJADAS DE ALCOBAÇA

Limpeza e conservação do calçado obtem-se usando o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO, 74

POLITEAMA
EMPREZA LUIS PEREIRA
Telef. N. 3028 — A's 21,30
COMPANHIA
REY COLAÇO — ROBLES MONTEIRO
ULTIMAS — ULTIMAS
Cautela com a Fernanda
Termina hoje a assinatura para as 7 primeiras representações da época de inverno

ESTORIL-TERMAS
Doenças das senhoras
Tratamento hidro-mineral

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

DUAS VEZES ACUSADO

O CASO DO "BAGÉ"

E OS MOTIVOS DA PRISÃO

do sr. Daniel Leão

Encontra-se ainda preso no Limoeiro, donde será transferido para a cadeia de Vinhais, conforme o *Diario de Lisboa* noticiou, Daniel José da Costa Leão, detido ultimamente a bordo do *Bagé*, sob a acusação de ter gasto em seu proveito uma quantia que lhe foi entregue, no Rio de Janeiro, pelo engenheiro maquinista do cruzador *Carvalho Araujo*.

Daniel Leão é tambem acusado de ter praticado um homicidio voluntario, durante as incursões monarquicas do norte.

Segundo se depreende duma carta que nos enviou, trata-se apenas de um caso de legitima defeza, conforme se provará em julgamento.

Confessa ter gasto dinheiro que lhe não pertencia, em condições especiais, e esperava liquidar as suas contas com o engenheiro do *Carvalho Araujo*, quando o navio levantou ferro para Cabo Verde e a policia já tinha ordem para o prender. Resolveu então regressar a Portugal e ocupou no *Bagé* o camarote n.º 13. A' chegada foi surpreendido com uma ordem de prisão que alguns jornais noticiaram em termos ofensivos da sua dignidade.

Daniel Leão, que se expatriou por motivos politicos, foi empregado na agencia do Banco Nacional Ultramarino, do Rio de Janeiro, onde mereceu sempre a confiança dos seus superiores, tendo sido varias vezes portador de grandes quantias, sem que tivesse procurado desviar um real em seu favor.

Ultimamente, a quando da estada dos aviadores no Rio de Janeiro, Daniel Leão tinha a confiança dos oficiais do *Carvalho Araujo*, que por diversas vezes lhe entregaram dinheiro para o Banco, e do proprio comandante, que o convidou para jantar a bordo.

Com o engenheiro Pessoa esperava liquidar as suas contas amigavelmente, quando aquele oficial fez queixa na policia.

Trata-se, portanto, de um simples abuso de confiança, de um amigo para outro amigo, e praticado quando um deles, por ter bebido demasiadamente, perdera a noção das responsabilidades.

José Sarmento

Com sua familia já regressou a Lisboa o brilhante jornalista sr. José Sarmento, nosso querido colaborador.

O REGRESSO

Do CHEFE DO ESTADO

(Do nosso enviado especial)

BORDO DO «ARLANZA», 10, ás 16 — O «Arlanza» deve fundear no Tejo ás 6 da manhã. O sr. Presidente da Republica encontra-se bem e expressou ao enviado especial do «Diario de Lisboa» o desejo de transmitir ao país as calorosas saudações do Brasil.

O sr. dr. Antonio José de Almeida convidou os jornalistas que fazem parte da comitiva para almoçar comsigo.

No Funchal pronunciou um discurso significativo, que foi delirantemente aplaudido. O sr. Presidente da Republica foi acompanhado a bordo pelo sr. bispo do Funchal — *N. de A*

* * *

O sr. Antonio Maria da Silva recebeu hoje o seguinte telegrama:

FUNCHAL, 10 — Presidente Ministerio — Lisboa — Recepção Chefe Estado extraordinariamente brilhante. Garanto nunca ninguem foi aqui recebido com egual carinho e entusiasmo — Sarsfield, governador.

Quereis poupar o calçado?
Usae o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO, 74

A POLITICA DA TARDE

O GOVERNO

SE NÃO QUIZER AGIR PRATICA UM CRIME

Emprestimos, monopolios, recomposição ministerial e redução de serviços publicos

O que diz ao "Diario de Lisboa" um antigo ministro e deputado democratico dos mais categorisados

O politico seguia tão absorvido naquela linha de vestuario côr de rosa que, quando démos dois passos rápidos para cortarmos a contemplação, virou-se brusco, pressentindo — sabe-se lá o quê? — um atentado, ou um competidor.

O nosso olhar sossegou-o. A politica, esta terrivel palavra que pode fazer dum homem um leão, ou uma criança, secretario de ministros, conventual e discreto, alvoroçou-o.

— Sei apenas que o cambio melhora . .

— E se eu lhe preguntar a razão por que melhora . .

— Naturalmente dir-lhe-hei como lhe vou dizer, que não sei as razões.

Aquele chapeu de palha, demasiadamente amarrado á cabeça, quasi servindo de pala a uns olhos negros que fuzilaram betas de fogo, na Camara dos Deputados, três sessões a fio, sobre os T. M. do E.; aquele casaco cinzento claro que já o acompanhára nas Finanças, quando ministro, no Comércio, quando ministro, e não sei se na Conferencia da Paz, nos Jardins de Versailles, numa hora de bom humor, ao lado do Japão ou da Inglaterra — negaram a personalidade.

—Não diga o meu nome, se me quere ouvir. Diga, como vocês costumam: um antigo ministro, um X...

—Um democratico categorisado e rebelde...

—O que queira. — E agitou bengala, abrindo muito os braços.

—O governo...

—Ora! O governo precisa duma recomposição. Fica o Antonio Maria da Silva.

—Os outros...

—A palavra breve: queimados.

—Todos?

—Não! O das Colonias, o das... O que deve frisar no seu jornal é que não se pode suprimir o ministerio das Colonias, como quer a comissão parlamentar.

—Uma terceira potencia colonial.

—Exacto. Que ideia! O da Justiça, sim. Dantes—eu estou agora ás voltas com o Constitucionalismo—a Justiça estava no Reino.

Como nós falassemos em orçamentos:

—Mas é um erro atribuir ao Antonio Maria da Silva a aprovação dos orçamentos. Ao Parlamento, que foi que as votou...

—Só agora se votaram. Porquê?

—Questões politicas. Camaras dificeis.

—Então o que tem feito o governo...

—O Antonio Maria da Silva? Uma coisa que vale muito: a manutenção da ordem publica.

E agarrando-nos a uma esquina:

—O sr. não diz nada?.. Bem! Está bem... Nós:

—O emprestimo...

—O governo tem tudo: autorizações, camaras fechadas, orçamentos. Tem que agir: Se não agir, comete um crime. Frize lá isto! Um crime!

—O emprestimo, repetimos.

—O que ha fazer, faz-se cá dentro. A França valorizou o franco. Bem sei que, quando lá fora, eu falava em emprestimos, diziam-me: arrumem a casa.

—E a casa já se começou a arrumar...

—Já! Mas ha coisas que ninguem faz. Pregunto: porquê?

Pela terceira vez:

—O emprestimo?

—Oiça: Podiamos arranjar dinheiro mediante a concessão de monopolios. «Monopolio de...» Monopolio do comercio de carvão, um, por exemplo. Outro: gazolina e seus derivados. Outro ainda: seguros... tabacos...

—De seguros! Como?

—Torna-se o seguro dos predios obrigatorio. Em França, fez-se isso e o governo recebe milhares de francos.

—Mas os interesses das outras companhias...

—Não ficariam legadas. Que se unissem em volta da concessionaria. O carvão já é mais dificil...

—Fala-se nos tabacos...

—Fala-se, bem sei, mas o contracto deve ser a curto prazo. Uma libra vale muitos escudos e em dois mêses, quem diz dois, diz três, a libra baixa e ficamos prejudicados. Percebeu?

—Percebemos.

—Estes monopolios de comercio, que eu lembro—nunca o estado comerciante ou proprietario—dariam muito oiro ao país.

—O governo pensa...

—Este e todos os outros teem-se esquecido duma coisa vital: diminuir o custo da vida.

—Especulação...

—Ha três coisas a atender no problema: produção, distribuição e moeda. Só lhe falo da distribuição.

—A moeda varia. E activar a produção...

—Só se poderia fazer *á la longue*. Distribuição. Apõe-se o governo nas cooperativas, na Manutenção Militar..

—Nada de comissariado...

—Nada! Os armazens reguladores que ajudem. Actualmente só temos cooperativas de classe. E' um erro. Cooperativas mas locais, por bairros, por agrupamentos de ruas, só por uma rua. Chama-se a isto distribuição.

—Boa ideia.

—Já tenho um projecto na Camara dos Deputados.

—Nada se tem feito.

—E' isso, é. Nada se tem feito.

—Politica?

—O que eu lhe disse: recomposição.

* * *

Tinhamos chegado ao ministerio do Interior. O politico entrou. Naturalmente para saber quem eram os novos governadores de Macau e Timor, provincias por onde iniciou a sua carreira politica.

O governo em crise

O ministro do Comercio apresentou o pedido da sua demissão

O sr. Lima Basto, ministro do Comercio, chegou hoje a Lisboa e apresentou a sua demissão ao sr. Antonio Maria da Silva. O chefe do governo instou com o sr. Lima Basto para que desistisse do seu proposito, não o conseguindo.

Não se sabe quem ocupará a pasta do Comercio, havendo, no emtanto, razões para supôr que será o sr. Vasco Borges.

Ministro da Instrução

O sr. ministro da Instrução regressa do Porto no rapido desta noite.

Banco de Portugal

O expediente neste banco termina ámanhã, 11 do corrente, ás 12 horas.

Lisboa, 10 de Outubro de 1922.

Pelo Banco de Portugal

Os directores

Antonio José Pereira Junior.
R. Ulrich.

UM REBATE FALSO

O CASO DOS SELOS

QUE VÃO SER QUEIMADOS

na Casa da Moeda

Há dias constou-nos — e os jornais deram curso ao boato — que na Casa da Moeda iam ser queimadas, por ordem superior, valiosissimas colecções de selos estrangeiros, enviadas pelos respectivos países, em obediencia ao estatuido pela convenção de Berne.

Seria verdade? E, nesse caso, qual seria o motivo porque se ia inutilizar uma verdadeira fortuna?

Só o sr. Anibal Lucio de Azevedo, que é, como todos sabem, além de deputado e de director da Fabrica da Polvora de Barcarena, quem dirige tambem a Casa da Moeda, poderia responder-nos.

Fomos, pois, á Casa da Moeda.

O sr. Luís Schiappa da Silva está num compartimento, entre quatro gentis empregadas que olham o jornalista com curiosidade como que a dizerem que êle não vai lá por coisa boa...

—V. ex.ª viu o que dizem os jornais?

—Sobre quê?

—Sobre uns sêlos que vão ser queimados

Mostrámos-lhe um jornal.

—Isto não é verdade.

—Mas . . .

—Realmente, deu-se ordem para a abertura e conferencia de 10 caixotes que aí estão . . .

—Com selos estrangeiros?

—Não sabemos. Vieram do ministerio das Colonias. Devem ser colecções dos nossos dominios ultramarinos.

—E depois de conferidas?

—Serão catalogadas, como é de uso.

—Não serão queimados, então esses selos?

—Que ideia. Simplesmente serão reduzidos a cinzas aqueles que fôr impossivel aproveitar. Compreende: alguns vêm completamente pegados, feitos em massa, com a humidade e talvez a agua, apanhada no transporte. Esses, sim, serão queimados. Os outros não. Seria uma loucura . . .

Dois soldados

apanhados a roubar galinhas

Esta madrugada, quando um cabo e um guarda da esquadra do Caminho Novo passavam na rua da Estrela, viram, encostados a um muro, duas carabinas. Ficaram surpreendidos. O que seria?... E avançaram impavidamente para as armas. Mas, ao agarrarem-lhes, recuaram, subitamente...

Alguem, de cima do muro, lhes gritou: — Larguem as armas que são nossas!

—Desçam!

Os homens obedeceram e qual não foi o espanto do cabo e do guarda, ao verem que se tratava, nem mais nem menos, que de dois soldados da Guarda Republicana!

Mas, o mais extraordinario não é isto: é que cada um dêles segurava na mão uma galinha—facil maneira de ir entretendo e apetite, emquanto se discute o coeficiente das subvenções.

Os dois soldados, desarmados, fôram conduzidos para a esquadra do Caminho Novo, onde ficaram presos.

CAMBIOS

Dia 10

	Comprador	Vendedor
Libra esterlina	105$000	110$000
¹|Londres, cheque	2 3|8	2 1|4
» 90 d. v	2 7|16	—
Rio ¹|Londres	6 13|32	—
¹|Paris	1$730	1$826
¹|Itália	$978	1$03
¹|Bélgica	1$612	1$702
¹|Suiça	4$276	4$514
¹|Espanha	3$474	3$668
¹|Berlim	8	13
¹|Holanda	8$887	9$381
¹|Nova-York	22$862	24$132
Rio ¹|Lisboa	2$772	2$928
T. Desc. Banco de Inglaterra	—	—
» » » Portugal	—	—
Ágio do ouro	2$100	2$300